800 Reis

Impressão de João de Deus

ALVARO COSTA

1892

GUIA DO COLONO

GUIA DO COLONO

PARA A

AFRICA PORTUGUEZA

ELABORADO POR

JOÃO BENTES CASTEL-BRANCO

Bacharel em medicina e philosophia

REVISTA E CORRECTA POR MUITOS DOS PRINCIPAES
AFRICANISTAS PORTUGUEZES

PORTO

TYP. DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA

178, RUA DE D. PEDRO, 184

1891

*Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio José de
Souza Barroso, meretissimo prelado de
Moçambique e bispo de Imeria.*

Admirando profundamente os relevantes serviços prestados por V. Ex.^a Rev.^{ma} ás nossas colónias missionando por largos annos em climas inhospitos e entre tribus selvagens, com inexcedivel zelo e superior intelligencia, peço licença para lhe dedicar este trabalho como modesta, mas sincera homenagem, e lhe pedir se digne presidir á colheita do producto da venda do «Guia do Colono» e á melhor applicação d'estas quantias destinadas a proteger os nossos colonos e a lhes fornecer elementos de progresso.

Agradecendo profundamente o auxilio que se digna prestar-me subscrevo-me com o maximo respeito e consideração

*De V. Ex.^a
sin.^o ad.^o e att.^o ven.^o m.^o obrg.^o*

JOÃO BENTES CASTEL-BRANCO.

O producto d'esta obra dedicada aos emigrantes portuguezes será destinado a auxiliar aquelles que se forem estabelecer nas nossas provincias africanas e a fomentar n'estas o progresso e a civilisação.

O AUCTOR.

INTRODUCCÃO

Quem no nosso paiz desejar ir para os Estados Unidos, Mexico, Brazil, Republica Argentina etc. pôde com relativa facilidade obter rigorosas informações sobre os respectivos paizes; mas aquelles que se destinam á nossa Africa, só a muito custo, a troco de muito tempo e trabalho, poderão conseguir algumas indicações vagas e muitas vezes contradictorias.

Não ha paiz civilisado, ou que pretenda sel-o, para o qual não esteja escripto um ou mais guias que deem noções da sua topographia, riquezas, recursos, indole e costumes da população, etc. Só para as nossas possessões nada ha onde o emigrante possa encontrar condensado o pouco ou muito que se sabe, de modo que lhe permitta, com pouco trabalho, fazer uma idea do logar a que se destina. Aquelles que apenas desejam e querem ganhar a vida, não se

podem entregar a pesquisas laboriosas nem a dilatadas leituras.

Observando esta falta de primeira ordem para um paiz que pretenda a serio fomentar o progresso das suas possessões, falta, que entre nós se está effectivamente tornando cada vez mais sentida, sem que ninguem buscasse preencher-a, entendemos que a dadiva mais valiosa que poderíamos fazer ao paiz, no periodo angustioso que atravessa, seria condensar as noções dispersas em centenas de publicações, n'um pequeno volume facil e barato que simultaneamente pudesse divulgar no nosso paiz conhecimentos das colonias e servir ao emigrante para o guiãr na escolha do ponto que mais lhe convem, nos preparativos a fazer, no genero de vida a adoptar e nos preceitos a seguir para offerecer a resistencia maxima na lucta que vae affrontar contra o clima e outros elementos adversos. A nossa ambição vae ainda mais longe; pois desejamos crear uma poderosa empreza colonisadora que, inspirada na Societé Financiere de Colonisation, na British American Land Company, na The Canadá Land Company, na Australian Land Company, na The Schottich Australian Investement Company; para a adopção do seu typo, seguisse o exemplo da African Lakes Company que associada com as missões religiosas da Escocia, lançou nas remotas regiões do Nyassa taes e tam energicos elementos de progresso que conseguiram determinar em Inglaterra o movimento de que resultou sermos esbulhados dos terrenos que por todos os titulos historicos e de direito internacional só a nós deveriam pertencer.

Uma empresa que instruisse rapida e consciencemente o colono, o guiasse na escolha do local e da vida a adoptar, o recebesse á chegada, lhe desse elementos para ganhar a vida e lhe estimulasse a producção até que o mesmo colono enriquecido por tão benefica direcção a pudesse convenientemente indemnisar, seria, em nosso ver, o mais solido esteio do progresso e da vida nova que necessitamos ver sem demora implantada nas nossas colonias.

Não tendo porem até aqui conseguido organizar tal empresa, offerecemos ao colono este guia que obdece á mesma ordem de ideas, desejando que em todas as suas partes o ache succulento e de seguro aproveitamento.

Oxalá o tenhamos conseguido.

Pensamos com Stuart Mill que para nada servem as colonias quando não offerecem ao paiz o melhor e mais lucrativo emprego do seu trabalho e capital e, estamos convencidos que, é por não termos assim encarado os nossos dominios d'ultramar, que temos soffrido tantas perdas e humilhações, apesar dos sacrificios crescentes que temos feito para os desenvolver.

Já devíamos ter experiencia bastante nos resultados da nossa administração de seculos, no ultramar,

para nos convenceremos que temos seguido caminho errado e mudarmos radicalmente de systema, seguindo os exemplos e as normas da Inglaterra que tem feito e está fazendo, como nenhum outro povo, verdadeiros milagres d'expansão.

Aos pessimistas diremos que só nós não vemos o que ainda podemos fazer no ultramar: pensadores estrangeiros aos quaes não cegam os sentimentos antipatrioticos e a profundissima descrença que invadiu o paiz, reconhecem as nossas aptidões colonisadoras e todos são concordes em declarar que resistimos melhor aos climas tropicaes do que os povos do norte.

Frederico Raoler diz que entre todas as nações destinadas a colonisar a Africa se encontram Portugal, Hespanha, França, Italia e pelas suas condições historicas, a Inglaterra. Portugal, diz elle, parece ter marcado um grande papel n'esta empresa de colonisação.

Não desanimemos pois, que o desalento e o abandono matam as mais auspiciosas tentativas; imitemos os nossos inimigos inglezes na tenacidade, perseverança e esforço que em tudo revelam, e ainda poderemos ter esperanças.

Se nada tentarmos nada conseguiremos.

A propaganda das riquezas inexploradas da Africa determinou em Inglaterra uma corrente emigrante que cresce todos os annos, a ponto de já em 1881 contar no Cabo 340:000 europeus, no Estado de Orange 62:000, e no Transwal 85:000, numeros estes que hoje se acham, quasi duplicados.

Porque não hão-de em Portugal eguaes processos determinar effeitos semelhantes?

Não temos tempo a perder, qualquer tractado com a Inglaterra não desviará as ambições dos aventureiros britannicos que teem as vistas fixas nas nossas terras, nem farão a South Africa Company perder a ambição de adquirir *por qualquer forma*, os nossos portos ao sul do Zambeze.

Se havemos continuar a dormir é melhor vender para não acabarmos de perder tudo sem honra, nem proveito.

Para a elaboração d'este guia consultamos os seguintes livros: Analyse da viagem de Lewingstone por D. José de Lacerda. Le Congo producteur — por A. Merlon. South Africa and how to reach it — by the Castle Mail. Estatisticas das Alfandegas d'Angola e Moçambique. Estatistica geral do paiz. Colonias Portuguezas por Dr. Augusto Sarmiento. Apontamentos d'um governador de Sofala — por Alfredo Brandão Cró de Castro Ferrari. Subsídios para a corographia de Cabo Verde por A. de Paula Brito. A Africa occidental — por Travassos Valdez. Les Colonies portugaises — 1878. Hintz to travellers (scientific and general) Council of the Royal Geographica Society — 1889. Series dos boletins do ultramar. Série dos relatorios dos governadores d'Ul-

tramar desde 1882. Exposition Colonial du Portugal organisé par la société de Geographie de Lisbonne 1885. A raça negra e a civilisação d'Africa por A. F. Nogueira. La relation du Congo por Eduardo Lopes — Trad. Leon Cohem. Angola e Congo — por Francisco Antonio Pinto. La colonisation scientifique por dr. A. Bordier. Estatistica das provincias ultramarinas por Lopes de Lima. A questão colonial portugueza por Antonio José de Seixas. Estudos de direito administrativo colonial portuguez por Bernardo Meirelles Leite. Indice remissivo da legislação ultramarina por Antonio M. Castilho Barreto. Collecção da legislação ultramarina. Plantas uteis da Africa portugueza pelo conde de Ficalho. Contribuição para o estudo da flora d'Africa coordenado pelo prof. Julio A. Henriques. Les colonies anglaises par H. Blery. Expedição portugueza ao Muatafanvua — H. de Carvalho. A Lunda — H. de Carvalho. Serie dos boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa. O Brazil e as colonias — O. Martins. La province portugaise de Moçambique — Conference por M. Augusto Castilho 1891. A companhia nacional agricola de S. Thomé e Principe e suas dependencias por M. F. Ribeiro. Hygiene colonial por M. F. Ribeiro. Dictionarios encyclopedicos, tractados de medicina colonial e hygiene.

Tambem colhemos preciosas informações, já nas respostas que obtivemos no questionario publicado no Correio de Portugal, já directamente dos ex.^{mos} surs. Adelino da Cruz, dr. Alexandre Mendonça, Antonio Castilho, dr. Costa Lereno, Augusto C.

S. Gomes, Francisco S. Gorjão de Moura, Henrique de Carvalho, João do Nascimento Mello, dr. João de Souza Machado, Jayme Cruze de Carvalho, Joaquim Augusto da Silva e de muitos outros.

Depois de elaborado o nosso trabalho submettemo-lo á revisão e auctorisadissima censura dos cavalheiros cujos nomes encimam cada assumpto, d'onde resultaram modificações em todos os capitulos e n'alguns uma quasi completa refundição, além de numerosas addições.

O nosso trabalho e responsabilidade como auctor, ficou pois apenas reduzido á compilação e distribuição das materias; porque nem as affirmações, nem muitas vezes a propria redacção nos pertence.

Esforçamos-nos por empregar uma linguagem clara e termos vulgares, sob uma forma tam amena quanto possivel, para que a leitura se não tornasse fastidiosa aos menos estudiosos.

Sahindo um pouco das normas habituaes dos guias, apontamos algumas emprezas a tentar que, para as differentes localidades, vimos indicadas como promettedoras, na esperança de poder n'algum leitor despartar a iniciativa que tanto rareia no nosso paiz.

Na parte hygienica, que mais particularmente nos pertence, reduzimos toda a materia a pequenas regras faceis de fixar.

Na parte medica descrevemos as doencas por grupos, approximando-as pelo tractamento, para maior facilidade de retenção e economia de volume.

Reduzimos o formulario a medicamentos, tanto quanto possivel innocentes e a formulas de facil ma-

nipulação, para que qualquer os possa utilizar, sem outro perigo que não seja o da inoportunidade da applicação.

Apezar de todos os esforços empregados para tornar este guia um resumo pratico e completo, é para nós fôra de duvida que esta primeira tentativa sahe deficiente e incorreta em muitos pontos, por falta de elementos.

Para attenuar taes defeitos tentamos obter o auxilio d'uma commissão especial da Sociedade de Geographia e conseguimos vél-a nomeada e reunida; mas ficamos dolorosamente surprehendidos quando, pelo desprezo d'uns e pela critica d'outros, apercebemos que d'ella só podiamos esperar difficuldades e embaraços levantados pela maioria dos seus membros.

Serviram-nos ao menos de consolação os cavalleiros que particularmente se dignaram auxiliar-nos, já fornecendo preciosos materiaes, já permittindo que os seus nomes abrilhantem e deem auctoridade a este pequeno volume d'onde nem procuramos auferir interesses nem crear nome.

Se o Guia do Colono conseguir despertar o interesse do publico, folgaremos em ver apontadas as

incorecções e faltas d'esta primeira tentativa; para as corrigir em futuras edições, se o paiz proteger o unico trabalho d'este genero até hoje apparecido entre nós, como é de esperar; desde que comprehenda a absoluta necessidade que tem de conhecer e aproveitar o que possui, se ainda quizer reter alguma cousa, e achar digna d'incitamento a protecção que queremos dar aos colonos que são os melhores defensores das nossas possessões, os principaes fautores da riqueza e progresso do ultramar.

GUIA DO COLONO

CAPITULO I

(Revista pelos Ex.^{mos} Srs. Hugo de Lacerda e D. Antonio Barrozo prelado de Moçambique.)

Ideas geraes — Clima, aspecto, usos e costumes do gentio, vocabularios, modo de tratar o preto, riqueza mineira agricola e commercial, indicações pessoases, preparativos, fornecimentos, viagens no sertão, commercio, escolha de residencia e das occupações mais uteis; preço de transportes e telegrammas.

Climatologia — Na Africa portugueza, situada entre o equador e o tropico do hemispherio austral, apenas se distinguem duas estações: a da secca e a das chuvas.

À proporção que do equador se caminha para o sul vão-se gradualmente diferenciando as quatro estações, por fórma que, ao sul de Lourenço Marques já perfeitamente se distinguem.

Ao sul das nossas possessões da Africa austral as estações não coincidem, mas alternam com as da Europa. O inverno é de 21 de junho a 21 de setembro, a primavera de setembro a 21 de dezembro, o verão até 21 de março e o outono em abril, maio e junho.

Nas colonias africo-portuguezas a temperatura é quasi constante, tendo medias comprehendidas entre 15 e 30^o conforme a latitude e a altitude. Mas se as oscillações annuaes são pequenas, outro tanto não

succede ás diarias que accusam variações de 20 e mais grãos, principalmente nos logares desarborizados; havendo pontos onde o thermometro desce muitas vezes de madrugada até 0° e outros em que se eleva ao sol até 65°.

A media thermica desce e a salubridade augmenta com a latitude e a altitude; em Huilla, nos Montes Libombos, na Garungosa e n'outros pontos já a agua chega a gelar, e o europeu pôde viver e reproduzir-se em boas condições.

Ao longo da costa oriental ha uma corrente maritima que se dirige para o sul e na occidental outra que caminha para o equador. A differença de temperatura d'estas correntes é de 15°.

Durante o outomno e inverno (abril a setembro) reina constantemente até ao paralelo 29° o vento do quadrante norte chamado monção; nos seis mezes restantes o vento sopra em direcção opposta, e denomina-se monção de sudoeste.

Os dias são eguaes ás noites. O crepusculo da manhã e da tarde falta; fazem-se quasi subitas as passagens do dia para a noite e reciprocamente.

A partir do tropico de capricorneo (24°) para o equador, as estações vão-se gradualmente antecipando e o inverno elevando a sua temperatura, por forma que no coração da zona torrida, apenas existem dous periodos estivaes caracterizados por chuvas; um maior de novembro a fevereiro, outro menor de maio a julho. E' este segundo periodo que vae diminuindo á proporção que se caminha para o sul, torna-se apenas sensivel para baixo de Lourenço Marques.

Os planaltos do interior são mais chuvosos que o litoral. A frequencia das chuvas tambem diminue do equador para o sul, augmentando em compensação a sua intensidade.

Os chuveiros apparecem subitamente. Muitas vezes o céu está limpido e o calor é ardente, faz-se um socego profundo na athmosphera, as nuvens sobem lentamente, parece que se abafa, que falta o ar; então o vento começa a soprar rijo e a agua cahe em torrentes formadas de grossissimas pingas que molham até aos ossos: a temperatura arrefece uns 10° e o preto, sem agasalho, tiritia de frio. Pouco depois a athmosphera novamente se apresenta limpida e o sol continua dardejando seus ardentissimos raios mais insuportaveis que nunca.

As grandes chuvas são em geral precedidas por alguns dias em que o sol nascente se apresenta descoberto e por frequentes trovoadas.

A maior frequencia das chuvas em cada dia é das 5 horas da tarde até alta noite.

São frequentes os annos de secca dando-se a coincidencia de abundarem as chuvas na costa oriental, quando faltam na occidental e reciprocamente.

As observações feitas no Real Observatorio do Cabo indicam que a quantidade media de chuvas nos ultimos 45 annos tem gradualmente diminuido com o corte das arvores e incendios das florestas que cada vez mais vão rareando em Africa. Hoje não são raras as seccas de quatro e cinco annos o que constitue uma verdadeira calamidade para a agricultura.

No nosso archipelago de Cabo Verde as seccas são quasi periodicas com os intervallos de cinco a seis annos; notando-se tambem a mesma coincidência de terem augmentado com a desarborisação.

Urge pois que todos se interessem pela rearboração e concorram para proteger as florestas contra os pastores pretos que lhes deitam periodicamente fogo e contra os colonos avidos e imprevidentes.

Aspecto — O aspecto da Africa varia muitissimo com as estações. Durante os seccos invernos veem-se largas extensões aridas, onde abundam os areaes em que de longe em longe a custo consegue vegetar algum espinheiro; entermeadas com estes desertos veem-se nas margens dos rios, nas bacias pantanosas e em todos os terrenos humidos, densas florestas de luxuriante vegetação.

Logo que o verão chega, com as chuvas tudo se cobre prontamente de verdura.

O litoral é baixo e arido.

Para o interior os terrenos sobem e a athmosphera torna-se mais humida, a vegetação arborea cede o passo á arbustiva e herbacea; a athmosphera carrega-se frequentemente d'uma densa nebrina que nada deixa vêr e que penetra a roupa até á pelle.

Rios — Os rios africanos como as chuvas, teem um regimen especial; ora caudalosos tomam proporções gigantescas, ora, sobretudo no sul, diminuem até desaparecer em muitas partes sob as areias que lhe

formam o leito. D'esta fórma, ora se está impossibilitado de navegar por falta d'agua, ora pela violencia e impetuosidade da corrente. Por isso alguns exploradores e companhias que, como a do Congo, carecem aproveitar as vias fluviaes, teem feito construir vapores muito leves, montados sobre rodas, com as pás nos raios, por fórma que pôdem indifferentemente navegar ou percorrer os baixios e areaes seccos dos talves dos rios.

Além d'estes obstaculos, a navegação é em muitos pontos interrompida pelas cataratas que existem em todos os grandes rios.

Do Gentic — O governo das tribus africanas pôde dizer-se feudal. As populações obedecem a regulos ou sobas pretos que, em regra, dominam n'uma pequena area habitada por algumas centenas ou, quando muito, milhares de individuos.

Os regulos governam como verdadeiros despotas, dispondo a seu talante da vida e bens dos subditos.

Em volta de cada regulo existe o conselho dos notaveis (macótas em Angola) que discute todas as importantes questões d'estado e com cujas deliberações o regulo sempre se conforma.

Os herdeiros dos regulos em regra, são os sobriños filhos das irmãs.

Como o povo, os regulos teem cathogorias, pagando uns tributo de vassalagem a outros; mas todos governam os seus povos na mais completa independencia. Os regulos vassallos, em tempo de guerra, tambem fornecem ao senhor das terras, combatentes

que são remunerados tomando parte nos despojos dos vencidos.

Os sobas andam em guerras continuas e tem por habito vender os prisioneiros para escravos ou matal-os; o mesmo fazem aos seus sentenciados por crimes maiores.

Os regulos accumulam as funcções de juizes.

As penalidades menores sempre se reduzem a multas. Quando um soba tem de pagar a vassalagem faz publico que lhe venham trazer alguma cousa e cada um traz o que quer, dando uns bois, outros cabras, gallinhas, pelles, fuba, borracha etc., segundo os seus haveres. Da mesma fórma recebem os suzeranos os tributos de vassalagem.

O preto é polygamo; cada um tem as mulheres que pôde: em geral compram-nas aos paes.

As mulheres prisioneiras de guerra são distribuidas pelos vencedores.

As populações aglomeram-se por pequenos grupos em sanzalas (Angola) ou muze (Moçambique) verdadeiras aldeias formadas de cubatas irregularmente dispostas cercadas por sebes vivas.

Cubatas são cabanas circulares formadas de páos a pique entrelaçados de fibras vegetaes com cobertura de colmo; muitas tem as paredes forradas de barro. Cada familia abastada tem umas poucas de cubatas para as suas diferentes necessidades.

No centro tem um abrigo que serve de cosinha commum onde as mulheres preparam os alimentos. O todo é sempre cercado d'uma sebe viva.

O fato do negro no sertão, limita-se a uma tan-

ga ou panno feito de fibras de vegetaes indigenas ou de qualquer tecido europeu, com as pernas, tronco e braços nus, ornamentados com pulseiras e collares. Os que vivem mais em contacto com o europeu vestem mais profusamente accrescentando o panno até aos pés e, quando pôdem, vestem á européa fazendo as mais exquisitas e estravagantes combinações.

A arma indigena é a setta, o arco ou a azagaia, a espada curta e n'alguns pontos, um escudo; hoje porém quasi todos possuem armas lazarinas de pederneira e, entre os hotentotes, já apparecem muitas armas aperfeiçoadas que o commercio europeu lhes tem cedido.

Onde não tem chegado a religião mahometana nem a christã o preto tem apenas uma infinidade de supstições difficeis de desarreigar; os seus deuses são sempre entes terriveis cuja cólera é necessario aplacar por meio de sacrificios.

Vocabularios — Cada sobado quasi que tem a sua lingua; porisso é impossivel dar uma idéa succintada que se fallam em todas as nossas possessões que comprehendem alguns milhares de regulos; no entanto, para d'algum modo suprir esta falta, daremos umas pequenas noções da lingua abunda que é a mais espalhada na provincia d'Angola, aproveitando um dialecto da região colonisavel do sul e da marave ou cafreal que se falla na região de Manica ou Zambezia, que será sempre o coração da provincia de Moçambique.

PORTUGUEZ	MARAVE (1)	ABUNDA (1) Dialecto lón kumbi
Abelha	Úche	ó mike — <i>pl.</i> ó nó
Abriu	Cufungula	ó euicila
Acampar	Camanga-micassa	é tanda — <i>pl.</i> ó má
Acampamento de caravanas		ó xirombo — <i>pl.</i> ó bi
Acampamento de guerra		ó cutambula
Aceitar	Cutambira	k'e ulo ou p'e ulo
Acuna, no alto	Pa zihlo	ó có euna
Acolá, alem	Qué-néoo	ó cupinduca
Acordar, levantar	Čala-muca	ó culala
Adormecer, dormir, deitar, en- costar	Cugóna	ó cucuata
Agarrar	Cupata	ó cufiquinina
Agasalhar, abafar, cobrir	Cufinica	ó mèba
Agua	Maze	ó guatente (<i>do port.</i>)
Aguardente	Cachássu	ó'n guia (<i>do port.</i>)
Aguilha	Singano	ó cucuatéla
Ajudar		ó cucongoloia
Ajuntar		é umbo
Alcofa	Chissapo	ó mussinha
Aldela	Muze	ó'n binja
Algodão (linha de) (panno cru)	Ussáro	ó'n congolo
» » azul	Maricano	
	Lopa	

Ali	Culapa	euna
Alto (homem)		ó mule (<i>se se trata de pessoa; ó xile e ó</i> <i>cale em outros casos)</i>
Amanham		ó'n bá
Amarallo	Manguana	ó xin dumbo
Amigo	Sanange	é pánga
Andar, percorrer	Chamhare	ó euçenda
Anil	Cufamba	
Annel	Anil	ó murima. <i>O anno é contado desde o fim</i> <i>de cada cultura, julho ou agosto, e com-</i> <i>prehende doze luas.</i>
Anno	Péle	ó'n quella ina
Ante hontem	Chaca	
Anzol		curipe?
Aonde?	Zana	ó cumima
Apagar	Anzol	ó cunhanga
Apanhar	Guzimissa	ó euama
Apotar (ser a favor d'alguem)	Cupata	eúno
Aqui		ó xibera xio'n dumbo (<i>ferro amarello</i>)
Arame amarello	Saluri	

(1) Este vocabulario foi-nos fornecido e revisto pelo ex.^{mo} sr. A. F. Nogueira.

(1) Este vocabula-
rio foi-nos fornecido
lo ex.^{mo} sr. major
F. S. Garção de Moura,
primeiro governador
de Manica.

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Ar. vento, frio	Pépo	ó'n pépo
Arco de flexer	Maúta	ó úta — <i>pl.</i> ó má
Arder, queimar		ó cúpia
Arroz	Mute	ó lu ósso (<i>do port.</i>)
Arvore, páo, madeira		ó muti — <i>pl.</i> ó mi
Assar, coser, cosinhar, aquecer agua	Cupica	ó cuioca
Asseutar	Cucara	ó cutancama
Assim	Tanepa	ó ná
Atacar	Gumanga	ó eufómôna
Atar, amarrar		ó cucuta
Atrair		ó eucumba
Atravessar um rio	Cuembuca	ó cuiatica
Ave	Balane	ó xindika
Avó, ó	Seculo	táte culo, in'á culo
Azeite, óleo	Mafuta	ó masi
» de homens e mulheres	Mafia	ó xila
Bala, bola	Culéco	ó'n bala, ó'n bumbi
Banana	Barra	é honjo — <i>pl.</i> ó ma
Bambú	Missanguère	ó curisucula (<i>tanar-se</i>)
Banho, lavagem (tomar)	Gussaumba	ó nõ'ngéri (<i>cabellos da barba</i>)
Barba	Devo	

Barco indigena	Mandia nõ'coco	ó uato — <i>pl.</i> ó má
» europeu (qualquer)	Paquete	ó xinder (<i>branco</i>)
Barraca, cabana	Nhumba	
Barriga	Mirôba	é imo — <i>pl.</i> ó má
Barril	Ancoreta	ó'n coreta (<i>do port.</i>)
Barulho	Matinada	ó ciulerera
Basta	Basse	xiápuá, ó nó, ó nó il'a
Bataia redonda	Bataia	ó'n bátiata — <i>pl.</i> ó nõ'n (<i>do port.</i>)
» doce	Bambaia	
Bater	Cumenha	ó cupúma
Bebado (estar)	Culés-era	ó mu eólué
Beber	Cumá	ó ctúna
Bicho, animal	Chirombo	ó xifto — <i>pl.</i> ó bi
Boa (pessoa)		ó m'ũ'n tu u ó xiri (<i>peessoa de verdade</i>)
Bocado	Quipinde	ó xitelere
Bocca, beíço, labios	Mororomo	ó multungo — <i>pl.</i> ó mi
Boi domestico	N'gambe	ó'n gombe — <i>pl.</i> ó nõ'n
» do malto	Nhumbo	
Bonito	Côcôma	ó mua — <i>pl.</i> ó báua
Braça (fração pequena da)	Mápinda	ó nando
» (meia br. de fazenda)	Lupanda	é peca — <i>pl.</i> ó má
» (uma br. de fazenda)	Lumpa	ó ma, peca é bari
» (tuas » » » »)	Capati	ó eubóco — <i>pl.</i> ó má
» (tuas » » » »)	Zañja	ó xinder
Braço		ó nháue — <i>pl.</i> ó nó
Branco (homem)		ó'n tenda — <i>pl.</i> ó nõ'n
Bufalo	Nhale	
Cabaça	Dico	

Cabeça	M'soro	ó mutue — <i>pl.</i> ó mi
Cabello	Cisse	ó huque — <i>pl.</i> ó nó
tabra, caballo	Buzi	ó xi cõmbõ — <i>pl.</i> ó nó'n
Cacete, p'ço	Garungondo	ó xi máti — <i>pl.</i> ó bi
Cair	Cúbua	ó cõa
Cala-te	Caluma	muéna
Calor (estar) está quente	Bonde	u á tóccõa
Cama	N'gira	ó úla — <i>pl.</i> ó ma
Camulho, estrada	Munda	ó'n díra — <i>pl.</i> ó nó'n
Campo semeado	Miteto	é-pia — <i>pl.</i> ó má
Canna	Cópè	(d'assucar e sorgho) ó muongue
Carra	Nhansa	ó'n bérèla
carne	Bira	ó'n-gui — <i>pl.</i> ó nó'n
Carneiro	Nhomitõro	ó'n gamba — <i>pl.</i> ó nó'n
Carregar (conduzir ás costas ou á cabeça)	Lonane	ó cuxinda
Casa europea	Culina	ó'n juo — <i>pl.</i> o n'on
Casar		ó cubonbõla
Cavar		ó curima
Cedo		ó'n binba
Chaga, ferida		ó xipóti
Chamar		ó eufafã

Chegar	Cufica	ó cufica
Chelo		i é iula
Chover		ó culoca
Cobra	Nhõca	ó nhõca — <i>pl.</i> ó nó
Coxla, cordão, cordel	Gar bala	ó'n gondi, ó lu hõba
Comer	Cúda	ó curia
Comercio, negocio	Monungo	ó'n dándo
Corpo	Cutamanga	ó láto — <i>pl.</i> ó má
Correr		ó culópõca
Cortar	Bandósi	ó cutéfa
Creança		ó mõna — <i>pl.</i> ó há
Curar		ó euhácãla
D'aqui a tres dias	M'auca	
D'aqui a mais de tres dias	Manganache	
Dar	Chala	ó euãja
Dedo	Mãnu	ó mútue — <i>pl.</i> ó mi
Dentes		é 'io — <i>pl.</i> ó má
Depois	M'tonde	n'pa
Depois d'amanham	Cussuzura	ó'n kela ina
Depressa	Zico	ó'n col'õncõlo
Desamarrar, desatar	Capute	ó eupandurula
Dia		é kumbi
Doente		ó mu'n bândi
Duas braças de fazenda		muene
Dono, seahor		ó eulãla
Dormir		

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Elefante	Zoo	ó'n jamba — <i>pl.</i> o nó'n
Elle, s.	Ié, Ivó	ó ié
D'elle, s.	Piache, Piáo	i áie
Emprestar		ó cuandira
Boxada		ó temo — <i>pl.</i> ó ná
Escravo		ó mu pica — <i>pl.</i> ó bá
Espetar-se		o curiassa
Espinho	Minga	
Está	Cucára	ó pó eri
Estar (assentado)		o eucala. ó cu lancama
Este	Fute	ó'u, e eixi
Espingarda	Iné	ó'fa
Eu	Cutana	áme
Evadir, fugir	M'péne	ó cubéna
Faca	Úfa	ó móco — <i>pl.</i> ó mó
Farinha		ó findi
Fazer		ó curinga
Fazenda (panno)	Chuma	ó'n guo — <i>pl.</i> ó nó'n
Fechar	Cufunga	ó cuca
Feliceiro (padre)		ó'n ganga — <i>pl.</i> ó nó'n,
Ferr	Utare	ó cubéta
Ferro		ó xibéra — <i>pl.</i> ó bi
Filho, criança	Muana	ó móna — <i>pl.</i> ó bá

Floresta, mata	Massito	é tunda, ó fica
Fogo, raio, relampago	Moto	ó tupia
Fugir	Cutana	ó cubéna
Gallinha	Cáco	ó xi úsua
Grande	Iculo	ó néne
Guerra		ó bifa
Hoje	Lero	ó muhono
Honem	Mamuna	ó mulume
Honteu	Zolo	ó'n kela
Hyena	Tica	ó xi inalanca
Hypopotamo	Vó	ó fi
Ignoro, não sei		hi xindi
Igual, do mesmo tamanho	Bósi-bósó	u rissue — <i>pl.</i> bé
Ir, andar	Cuenda	ó cuenda
Isto		ó xieixi
Já	Chinchino	pahapa
Juiz (indigena)	Bazo	
Lado		ó'n tere
Lama	Matope	ó'n tata
Leão	Pandoro	ó'n cöfe
Leite	M'cáca	ó mahini
Lenha	N'euni	ó n'on curmi
Levar		ó cutuala
Lingua	Lorine	é fáca — <i>pl.</i> ó má
Longe	N'euni	ó có eúle
Lua	Maeze	ó hami
Machado	Baza	ó'n caba — <i>pl.</i> ó nó'n

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Macho	Mamua	o'n dume
Madrugada	Machibesse	o'n bimba, (<i>madrugar</i>) ó curimeneca
Mãe	Mama	(<i>miba</i>) mème, (<i>d'outro</i>) ina
Mais	Maiçero	bari, litt. dois
Mama	Cutuma	ó bele — <i>pl.</i> ó ma
Mandar	Mandoca	ó cutuma
Mandioca	Massicata	
Manham (de)	Bare	
Mano, a	Manja	o'n gala
Mão e braço	A culpa	ó muculo <i>se mais velho</i> , o'n dengue <i>se mais novo</i> , o'n panguê <i>de homem para mulher</i> .
Mãu	Nhanza (1)	ó cuboco, braço direito ó curio
Mar	Nhundo	ó xibe, litt. feio
Martello	Sima	ó calunga
Massa de farinha	Pianga (2)	ó xifima
Matar	U'ssanga	ó cu'n dipá
Meu, minha	Cucinzira	ó angue — <i>pl.</i> dá'n
Mez	Pire	ó hani — <i>pl.</i> ó nó
Milho	Chissani	é pango — <i>pl.</i> ó má
Missanga		ó biránda
Moeir, pizar (reduzir a farinha)		ó eucatra
Monte		ó'n punda
Molho		ó inuhole

Morder	Curuma	ó cónhumata
Morrer	Cúfa	ó cúfa
Mulher	Mucaza	ó muricandi — <i>pl.</i> ó bá
Nada (não haver)	Cábé pinto táio	cutupo
Nadar	Puno	ó cútoá
Não	Táio	date ou aí
Negocio	Massico	ó'n dando
Negociar	Ifé	ó curinga ó'n dando
Noite	Piáto	ó u fúco
Nós	Cuona	ó'n-tue
Nosso	Masso	ó cutála
Olhar, ver	Mazai	é-iso — <i>pl.</i> ó méso
Olho, s	Gambo	é-faki — <i>pl.</i> ó má
Ovo	Baba	o-si, <i>meu pae</i> tate
Pá (de remar)		ó cufeta
Pae		
Pagar		

(1) Também signif-

ca grande rio e lago.

(2) Quando o prono-

me antecede o objecto

possuido suprime-se o

pi e a terminação *anga*

forma com o objecto

um nome só, ex.: mi-

nba cabra = buzianga.

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Palha	Uzo	ó mánguêngue
Panella (para cosinhar)	Pendi-cáre	ó'n bia — <i>pl.</i> ó nó'n
Panno de vestir	Gúo	ó'n guo
Pão	Micati	ó'n bôlo
Papas		é tefe — <i>pl.</i> é má
Parar	Miemo	ó cutalama
Pé, s, perna, s.	Miára	ó'n pandi — <i>pl.</i> ó nó'n; <i>perra</i> , <i>mupindi</i>
Pedir	Somba	ó cupinga
Pedra	Tembe	é tari — <i>pl.</i> ó ma
Peixe	Ingono	ó-si — <i>pl.</i> ó nó
Pelle	Pequeno	ó xi côba — <i>pl.</i> ó bi
Pertio	Chitupé	ó catuto
Porco	Cumba	ó popepe
Pouco	Pangóne	ó'n gulo
Quebrar, cortar		ó catito ou catito
Quem?		ó cutandula, ó cuteta
Quente	Cufuna	ó ric?
Querer	M'chira	i a tocota
Não quero	Pó'ço	ó cúongóla (<i>querel-o</i>)
Rabo	M'sicana	hi ongula
Ração de comida diaria		ó muxira — <i>pl.</i> ó mi
Rapariga		ó muliço

Rapaz	Alpare	ó muquenje
Rato	Bena	ó xi púco — <i>pl.</i> ó bi
Rio	Mucuro	é longa — <i>pl.</i> ó má
Romper, rasgar		ó cutandula
Roupa		ó bicuto
Sair	Cubrúca	ó cutunda
Sal	Munho	ó mongoa
Serra (montanha)	Bango	ó'n piúda — <i>pl.</i> ó nó'n
Sim		enga
Soba ou regulo	Zua	ó hamba — <i>pl.</i> ó nó
Sol		é kúmbi
Luiz ou calor do sol		ó mutenha
Tabaco	Mauro	é caia — <i>pl.</i> ó ma
Tarde	Mataca	ó-i
Terra	Piaco	úobe
Teu, tua	Once	xi'si — <i>pl.</i> bi'si
Todo		ó cûeta
Trazer	Iné, Inumé	óbe — <i>pl.</i> ónue
Tu, vós	Encene	xi-se
Tudo	Culira	ó curira, ó cubica
Uivar, chorar, tocar	Doco piaco	enda, tunda
Vae-te	Pondo	ó cucomba
Vara para barquear	Cupsaira	ó musungo
Varrer	Care	ó eulanda
Vasilha para agua	Caramba	
Velho, a		
Vender		

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Vir	Cuza	ó cuía
VOLUME de carga para homem	Mitóro	ó xitele
Vosso	Piáno	iéno
1	Possi	mosi
2	Pira	bari (tratando de gente bé bari)
3	Tato	é tato
4	China	é cuana
5	Chato	é tano
6	Tantato	é pando
9	Chinómúé	é pando hári
8	Sere	xi' nane
7	Fembá	xi'n die
10	Cume	é cume
11	Cume nam bosí	é cume na mosi
12	Cume nam manóre	é cumé n'a'n hári
13	Cume nam tato	é cume ná'n tato
14	Cume-na-nai	é cumi, ná'n cuana
15	Cume-na-cham	é cumi ná'n tano
20	Ma-cume-manire	ma cumi é bari
30	Ma-cuma-tato	ma cumi é tato
40	Ma-cuma-nae	ma cumi é cuana
50	Ma-cuma-tam-tato	ma cumi é tano

100	D'zaba	ó xila
200		ó maxita é bari
4000	Chicuti	é cumi ri o maxita

No dialecto marave o plural dos nomes que começam por *m* forma-se suprimindo-o; nos que não começam, acrescentando *m*.

Os verbos começam sempre por *chá*. Forma-se o imperativo suprimindo a prefixa *chá*, o que também é commum ao dialecto o'n bundo.

O presente e o futuro formam-se antepondo ao imperativo *chá*, ex.:

Rir, *chá-seca*; imperativo, *seca*; presente e futuro, *disse-seca*; preterito, *dó-seca*.

No dialecto Abunda ou o'n bundo os prefixos exclusivos de gente, são no singular *má*, no plural, *ba* ou *bé*. Os prefixos, para coisas, animaes, passaros, etc., são *si*, *x'in*, *o'n*, *lu*, *ca* no singular; no plural, *bi*, *ma*, *man*, *ó n'on*.

Modo de tratar o preto—O natural do preto é indolente, doce e leal, qualidades que principalmente o distinguem no sertão.

Os que vivem mais em contacto com o branco, embrutecidos pelo alcool, repassados pela segurança, desmoralizados pelos frequentes enganões, são desconfiados em extremo, rapaces e mendigos, sem nada terem perdido da sua indolencia primitiva.

Para tratar com pessoal d'esta ordem que representa a força bruta do paiz, é necessaria uma paciencia evangelica; convém que se ameiguem e tratem bem, mas com justiça: deem-se-lhe o menor numero d'ordens possivel mas nunca se tolere que deixem de ser executadas.

E' necessario nunca mostrar medo e mandar sempre com auctoridade.

O branco nunca se deve zangar; o ralho deve apenas ser a primeira fórma de castigo.

A afabilidade nunca deve chegar á chalaça em perfeito tom de egualdade, para se não perder o respeito. O castigo deve seguir sem demora a culpa.

O preto embriaga-se por mil fórmas; com aguardente e vinhos europeus, de banana, palma, acajú etc., e até fumando a folha de canhamo de que o arabe extrae o terrivel hachisch. Acima do prazer da bebida só está o da mulher pela qual troca todas as riquezas e prazeres do mundo.

Nunca capitalisa.

Com taes dotes não é facil conseguir o trabalho do preto senão forçado.

No tempo da escravatura era pela compra que se

obtinha a posse d'um preto e pelo chicote que se obrigava a trabalhar.

Hoje na nossa mais florescente possessão, S. Thomé, e em Angola, é pelo contracto do preto durante um certo numero d'annos que se obteem braços. Estes contractos são analogos aos que em Portugal se fazem com os colonos engajados; feitos na presença do curador e por elle vigiados.

Os inglezes tambem adoptam o trabalho forçado concedendo recompensas proporcionaes aos serviços, desprezando, castigando e nunca encerrando a vadiagem.

Outros povos obteem trabalhos contratando-os com os sobas que por sua vez forçam os seus a executar.

Por qualquer forma, só á força o preto trabalha; completamente livre pede quantias fabulosas pelo mais pequeno serviço, faz o menos que pôde e, em recebendo a feria, embriaga-se e não volta a trabalhar enquanto não sente fome.

O preto comprehende liberdade como synonymo de fazer nada. Convem pois 1.º nunca dar esmola ao preto válido, mas offerecer-lhe sempre trabalho — 2.º pensar o mais possivel no modo de substituir o homem pela machina, para conquistar a maxima independencia.

Riqueza mineira, agricola e commercial — A riqueza mineira das nossas possessões é extraordinaria, mórmente na Africa oriental que desde remotissimos tempos gosa da fama de abundante em ouro. As declarações unanimes de todos os viajantes e as minas

registradas, os campos d'ouro e 'diamantes em via d'exploração, em todos os paizes que circumdam os nossos districtos de Lourenço Marques, Inhambane Sofala, Quilimane e Manica, são outras tantas provas exuberantes da sua riqueza mineira.

Desde 1886 que em todo o sul da Africa recrudescer a febre do ouro, em consequencia das fortunas realizadas em poucos dias por alguns exploradores habéis e arrojados, na região aurifera de Kaap proximo do extremo sul do districto de Lourenço Marques. Hoje apenas se descobre um campo d'ouro, é logo invadido por uma infinidade de pesquisadores, na sua maioria inglezes.

Pela importancia do assumpto daremos algumas noções sobre a pesquisa e extracção do ouro.

Pelas fendas dos terrenos silurianos, isto é, pelas juntas dos terrenos mais antigos, affloram os filões de quartzo.¹ O terreno siluriano é formado de grez e schistos de textura folheada, como a ardósia das pedras de louza.

É no meio do quartzo que o ouro se acha espalhado em palhetas quasi sempre tão pequenas que apenas se distinguem com a vista; muitas vezes só o microscopio as pode revelar: mas algumas vezes tambem elle apparece em grãos de volume bastante consideravel.

D'estes filões de quartzo os mais resistentes ele-

¹ Quartzo é uma rocha muito dura esbranquiçada e transparente vulgarmente chamada pederneira

vam-se muitas vezes acima do solo, sempre orientados de norte a sul em linhas paralelas.

Mas nem sempre o ouro existe assim, o que é uma vantagem; porque a exploração do quartzo aurifero exige um processo complicado e dispendioso que não é accessivel a todos.

Os terrenos primitivos ou mais antigos encontram-se formando os cimos das montanhas; nos valles estes terrenos afundam cobertos pelas camadas mais recentes chamadas sedimentares, formadas de calháo, areia e barro, em extractificações mais ou menos regulares.

Quando os pontos elevados são formados pelo terreno siluriano, desagrega-se d'elles um sedimento silicioso que afflue ás ravinas, leitões dos rios e se espalha nas baixuras onde se encontra o ouro disseminado em palhetas, pequenos grãos ou fragmentos bastante volumosos chamados pepitas. Estas camadas auríferas que algumas vezes se encontram á superficie, ficam outras a grande profundidade, cobertas de camadas de basalto ou outras aluviões e alongam-se no seu conjuncto por extensões de milhares de kilometros.

Quando o ouro afflora (está á superficie) o trabalho do mineiro é muito simples:—reduz-se a lavar a terra em muita agua até esta sahir clara. Então vê-se o ouro depositado no fundo por baixo dos calhãos mais densos que não poderam ser arrastados pelas correntes da agua de lavagem.

Os mineiros exploram o ouro empregando uma especie de taboleiro inclinado onde lavam a areia em

muita agua agitando sempre; a terra mais leve vae sahindo por cima do bordo inferior e o pó d'ouro puro vae-se accumulando no fundo.

Para acabar a limpeza lava-se uma segunda vez n'um prato.

Nos campos ricos, lavando 2 a 3^m de terra, pode um mineiro tirar diariamente uma media de 18\$000 reis e, umas vezes por outras, encontrar algumas pepitas cujo valor chega a elevar-se até 1 e 2:000\$000 reis.

O processo que se tem reconhecido mais vantajoso para os mineiros que nada sabem de metalurgia, é associarem-se por grupos de tres, para explorar o cubiçado metal; sendo um para cavar, outro para lavar e agitar o crivo e o terceiro para cosinhar e guardar a casa em que moram. As funcções alternam-se diariamente entre todos.

Tal é o methodo d'extracção para os pobres que o nosso colono pôde com grande facilidade ir ver posto em pratica pelos inglezes no Transwal, na Suazia ou em Manica.

Os homens menos familiares com os processos metalurgicos poderão, pela simples observação d'uns dias, sem mais nenhuma aprendizagem nem outro capital, alem do necessario para a alimentação durante a pesquisa e primeiros dias d'exploração, fazer rapidas e enormes fortunas n'esta industria. É tão remuneradora a exploração do ouro que, ainda dá bons lucros quando o terreno não contém mais de 4 a 5 gr. por mil metros de terra.

Ha outros processos mais lucrativos; mas que

demandam conhecimentos especiaes de geologia, chimica, mechanica e muito dinheiro.

Alem do ouro existem em differentes pontos minas de ferro, cobre, fabulosos depositos de carvão, campos de diamantes, petroleo, antracite, enxofre, etc.

Embora a costa occidental tenha bastante mineiro, a nossa provincia de Moçambique tem os terrenos mineiros classificados entre os mais ricos do mundo.

O indigena só explora os jazigos metallicos que affloram até á profundidade de dous a tres metros. E' com o ferro das suas minas que fabricam as enchadas, machados, espadas, facas, lanças, etc. que usam, vendendo os seus productos a baixo preço.

Onde ha agua a vegetação apparece com tal pujança que a terra nunca está limpa; apenas desembaraçada dos arbustos e plantas que a cobrem, logo se vêem surgir novos e vigorosissimos rebentos cujo rapido crescimento espanta o viajante. Sob a zona torrida, parece que a natureza tem mais força para crear como para destruir: apenas cahe a arvore que morre de velha, logo fica sepultada em exuberante vegetação que lhe occulta os restos.

D'esta espantosa uberidade do solo, o preto apenas tira o indispensavel para o seu sustento diario.

No capitulo sobre agricultura exporemos mais largamente as fabulosas riquezas que se podem ob-

ter arroteando as terras virgens da nossa Africa; por agora apenas diremos que a differentes lavradores temos ouvido affirmar que tiram rendimentos superiores a 60 por cento.

Pelo lado commercial as nossas possessões representam importantissimos centros de consumo, ainda por explorar, que poderão vir a ser origem do desenvolvimento da actual industria rachitica do nosso paiz.

São nossos os melhores portos maritimos da Africa boreal e as portas d'entrada para o vasto sertão do Barotze.

Basta construir dokas, caes de desembarque, depositos de carvão e suprimir as peias e entraves que até aqui temos posto ao commercio, para desde logo ver surgir toda a importancia de S. Vicente, S. Thomé, Santo Antonio do Zaire, Loanda, Benguella, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, Quilimane, Mocambo, Tungue, etc.

Todas as costas são abundantissimas de peixe.

As industrias de sal, pesca, conservas de peixe, carne, fructas, a ceramica, aguardente, assucar, polvora, tecidos, cal, etc., podem ser origem de rapidas fortunas logo que sejam estabelecidas em pontos apropriados, com faceis communicacões, tanto para o interior como para a Europa.

As colonias portuguezas sul africanas, encerram pois em si riquezas de toda a ordem promptas a re-

munerar largamente todos aquelles que as quizerem intelligentemente explorar dedicando-lhe o seu tempo, actividade e capital.

A melhor prova do immenso valor das nossas colonias está na cupidez que teem despertado entre nações estrangeiras e, loucura será, se n'ellas não empregarmos todos os capitaes disponiveis; porque nos deverão ser restituídos com lucros muito superiores a todos os que poderemos haver no velho continente.

Indicações pessoases — Apesar do innegavel progresso que nos ultimos annos teem tido todas as nossas colonias, a verdade é que ainda se acha quasi tudo por fazer; na maior parte das terras, mesmo do litoral, o europeu não encontra aquillo de que carece e no interior, sómente poderá obter um mau alimento, quando não saiba proceder.

Emquanto ao clima ha nas nossas possessões, ao lado de muitos terrenos pantanosos e insaluberrimos, outros que são tão sadios como os melhores de Portugal, por isso é indispensavel saber escolher e tomar as cautellas convenientes, sempre que os accidentes da vida arrastem o emigrante para logares doentios.

A Africa não é já hoje considerada como outr'ora um clima essencialmente mortifero; observações exactas teem provado que mesmo os máos climas, durante os primeiros tres annos só originam doenças agudas e curaveis sem deixarem vestigios; é passado

este tempo que as consequências do impaludismo e da temperatura se apresentam chronicas e ficam indeleveis no organismo: mas ainda n'estes pontos se podem combater ou evitar muito as consequências do clima, pela estriccta obediencia aos principios da hygiene que no capitulo respectivo apontamos.

Com as devidas cautellas pôde qualquer ir sem perigo de vida, percorrer, estudar e explorar as nossas colonias com tanto que a demora se não prolongue alem de tres annos.

Porem aquelle que de Portugal emigrar para definitivamente se fixar em Africa tem de possuir aptidões especiaes para resistir aos adversarios que lá vae encontrar, no clima, no indigena e no concorrente estrangeiro.

O colono carece pois estudar-se — antes de se embrenhar no estudo dos conhecimentos e na aquisição da bagagem de que carece para partir em boas condições.

Moralmente o emigrante deve ser corajoso, prudente, activo e emprehendedor, mas circumspecto; não deve reccar qualquer serviço, mesmo mais grosseiro ou differente d'aquelles a que está habituado, mas fazer de cada vez uma cousa só, e o melhor que puder; finalmente é-lhe indispensavel ser previdente e saber fazer-se respeitar pelo indigena.

Physicamente não deve padecer de rheumatismo, de tuberculose, de affecções gastro intestinas, do fígado nem do baço; deve ter constituição robusta, idade entre 18 e 45 annos.

Todos os portuguezes n'estas condições dão bons colonos; mas entre todos, levarão vantagem os que forem naturaes de climas mais quentes e paludosos como é a Madeira e o Algarve, os que tiverem uma estatura mediana ou baixa, de côr morena e cabello preto.

Pelos seus precedentes o colono deve estar habituado a privações, a arrostar a inclemencia do tempo e a trabalhos penosos; principalmente se não fôr logo de cá contratado para algum serviço especial e leve; porque quem parte para terras estranhas e selvagens deve ir preparado para tudo.

Emquanto a habilitações deve pelo menos saber ler, escrever e ter um officio ou profissão, aliás bem poucas serão as vantagens que terá sobre o preto com o qual não pôde physicamente competir nos trabalhos ao ar livre.

Preparativos — Antes de partir todo o emigrante deve procurar adquirir noções exactas dos novos paizes que vae precorrer, quer tomando informações directas, quer consultando os mappas, lendo o que ha escripto e tomando apontamentos de tudo o que presuma poder-lhe aproveitar de futuro.

Infelizmente na nossa litteratura faltam livros manuseaveis onde o colono possa encontrar condensados os conhecimentos de que carece; alem d'esta tentativa, para supprir tão grande falta só sê encontram indicações dispersas e diluidas nos boletins da Sociedade de Geographia, n'alguns numeros dos jor-

naes ultramarinos, nas publicações relativas ás colonias estrangeiras visinhas.

São dignos de se ler os livros das explorações dos snrs. Capello e Ivens, Serpa Pinto, Henrique de Carvalho, as conferencias sobre Angola e Congo do snr. F. A. Pinto; mas as mais preciosas informações encontram-se na collecção dos relatorios dos governadores e boletins da Sociedade de Geographia.

Antes de partir deverá o emigrante munir-se d'um bom mappa forrado a panno e dobrado por forma que se possa trazer no bolso e proceder ao seu estudo minucioso;

2.º aprender algumas noções de carpinteiro, seralheiro e outras artes manuaes que lhe poderão servir de muito;

3.º até onde o tempo e a illustração lhe permitir deverá tambem estudar a lingua do paiz ou pelo menos aprender os termos mais vulgares;

4.º quando não saiba desenho são muito convenientes os conhecimentos de photographia pois d'elles se póde tirar partido em milhares de circumstancias;

5.º noções de agrimensura, desenho de mappas, determinação da posição pelas observações astronomicas;

6.º de geologia o bastante para distinguir os differentes terrenos;

7.º generalidades botanicas;

8.º generalidades de hygiene, medicina e cirurgia, como applicar uma ligadura, fazer uma cataplasma ou um penso, laquear um vaso cortado, etc.

Nas differentes informações que colher deve ouvir o maior numero possível de individuos, para poder confrontar o que dizem e tomar só como verdadeiras as informações concordes; porque uns exageram, outros falseam e outros ignoram os factos.

Quando possa o emigrante deverá levar um companheiro, o que representa um valor inestimavel em terras longiquas com clima, costumes e lingua differentes da patria.

Para companheiro dever-se-ha procurar, tanto quanto possível, um individuo de character franco, bondoso e leal; mas energico, activo, com conhecimentos e aptidões manuaes differentes dos do individuo.

Fornecimentos—O material da bagagem de que cada emigrante carece está na razão inversa dos recursos da terra para que se destina; por isso, lendo as indicações do abastecimento para o sertão, poderão os que se dirigem para os centros de povoação, reduzir tudo o que lhes parecer, accrescentando os instrumentos apropriados ao seu officio ou profissão.

Aquelles que pertenderem internar-se pelo sertão deverão fornecer-se de tendas, ferramentas, armas, fatos, medicamentos e mercadorias.

A tenda deve ser quadrada, de 2^m,30 de lado, com dous tectos, uma janellinha na trazeira e um chão portatil e impremeavel, que póde ser de borracha ou pelles forradas d'oleado.

Este chão deve ter 0,^m25 mais do que a barraca, e cordelinhos junto da margem para atar a outros que devem existir na barraca. Os cantos da barraca devem ser seguros por quatro cordas de 30^m.

Toda a bagagem deve ir em saccoes de lona alcatroados para livrar do solalé, formando volumes que não excedam 25 kilos que é a carga de cada preto.

Oleados quadrados de 2 a 3 metros de lado para cobertura das bagagens.

Linhas, agulhas, alfinetes, tesoura.

Cordas delgadas e resistentes, alcatroadas, de diferentes grossuras.

Anzoes de diferentes tamanhos, que em muitas occasiões são um precioso e até o unico recurso para obter o sustento.

N'um pequeno rolo de couro — martello, formão, goiva, verrumas, furador, enchó, serra, torno de mão, limas, corta-fio, alicates, chave de parafusos, machadinha, fita metrica, compasso e esquadro, um folle pequeno, pregos, parafusos, um rolo d'arame fino zincado.

Saccas convenientes destinadas a encherem-se de hervas seccas para servirem de cama e travesseiro, saccoes de couro para as cargas. Lençoes e toalhas.

Mosquiteiros, lanternas, vellas, cadeira e mesa de lona, tanque d'agua com filtro, uma porção de filtros d'algibeira, balança romana para pezar até 30 kilos, lampadas d'alcool, ferros para abrir latas, fuzil, pedrneiras e isca, pentes, escovas e tesoiras, facas de bolso, toalhas, uma porção de vasilhas de lata para

fogo mettidas umas nas outras, palito de prata, saca-rolhas, sabão, tabaco, binoculos de campo, oculos fumados, relógio bom de prata, fitas metricas, ra-toeiras fortes.

Duas boas espingardas de repetição, dous rewolveres, respectivas munições, faca de matto.

Papel, sobrescriptos, aparos, lapis, tinta, regua, estojo de desenho, uma boa porção de botas de cano baixo e salto de prateleira, sola grossa cardada, não muito pesadas e largas bastante para calçar com dous pares de meias. Este calçado deve todo ser experimentado por alguns dias antes de partir.

Sapatos de lona para casa, polainas de couro leves, calças finas e de meia estação, camisolas de flanela para vestir por cima, cintos leves, chapéus, meias, ceroulas, camisas e camisolas d'algodão (Vid. cap. hygiene art. Fato) casaco impremeavel.

De viveres carece levar — café, chá, leite condensado, farinhas nutritivas, conservas alimentares e estimulantes, passas, chocolate.

Para attrahir o gentio poderá levar lanterna magica, caixas de musica, machinas photographica e electrica.

Para presentear os regulos deve adquirir collares de contas de ambar, torquezas e coral, cruces, medallhas, pulseiras, brincos prateados e dourados, oculos, harmonicas, relógios de algibeira e parede, vasilhas de lata, tachos, colheres, facas de todos os feitios, garfos, chapéus de sol de cores, chapéus de cabeça, sapatos de trança, guizos, assobios, chicotes de caça, frascos com aromas, galões, fardas, muitas peças de

panno cru, riscado de varias côres, zuarte, lençaria, grande sortido, tabaco, polvora, aguardente e vinho.

De medicamentos os indicados no formulario com os signaes **

Adhesivo simples, alfinetes e agulhas de curativo, linha, fios, algodão phenico, ligaduras sortidas, almofariz, balança, funil, copos graduados, borrachas para clyster, bisturis, tesoiras recta e curva, pinças de curativo, porta-nitrato.

Indicações ao viajante—Logo que desembarque o viajante que pertender internar-se em Africa deverá demorar no litoral o menos tempo possível; por isso carece empregar a maxima assiduidade no ajuste dos carregadores.

Os carregadores devem ser ajustados por distancias e não por tempo, aliás nunca se chegará. O preço de cada carregador oscila de 160 a 240 reis diarios na costa occidental; em Moçambique as oscillações são muito maiores.

As rações devem ser pagas em alimentos e equitativamente distribuidas pelo proprio chefe ou por pessoa de confiança; qualquer outro systema provoca desordens ou reclamações muito prejudiciaes á disciplina e á marcha do europeu, quer percorra officialmente o paiz, quer o atravesse como negociante ou explore como mineiro.

Quando parar em qualquer sitio deve o explorador esforçar-se porque a sua passagem se torne sempre proveitosa para as pessoas que o receberem. Vão n'isto os bons creditos do europeu e a facilidade do seu transito para deante; porque as noticias espalham-se em Africa de boca em boca com uma rapidez assombrosa.

Quando prestar soccorros medicos a qualquer doente em perigo nunca use de medicação interna para que lhe não attribuem a morte.

Deve fallar com anticipação nas remunerações que tenciona dar ou mesmo mostral-as o que é d'um effeito assombroso para o bom tratamento.

Os melhores instrumentos de que o europeu em Africa se pôde servir são os órgãos que Deus lhe deu.

E' util reparar em tudo e investigar o que puder sobre todos os assumptos.

Para não esquecer, todas as noites deverá mencionar n'uma caderneta:—o aspecto das paizagens,—a riqueza agricola e mineira,—os rios, montes, terras, clima,—tribus, typo, character, usos etc. dos habitantes,—algumas palavras que tiver podido colher de cada lingua,—tudo o que lhe parecer de qualquer utilidade por pequena que seja; sem nunca se esquecer de mencionar as difficuldades que lhe appareceram, o modo como as venceu e os insuccessos que teve.

As coisas mais insignificantes e futeis na apparencia, assim como os factos mais vulgares, podem-

se tornar de futuro em preciosissimas indicações de incalculável valor ¹.

As observações devem ser methodicas e rigorosas, e escriptas sempre pela mesma ordem segundo os assumptos.

No interior d'Africa as estradas são substituidas por veredas abertas no capim ² ou nas florestas por onde as comitivas seguem a um e um.

As viagens fazem-se geralmente a pé.

O pessoal superior, nos pontos em que faltam os animaes domesticos, é conduzido em tipoia (especie de rede suspensa de varas conduzidas ás costas de pretos) ou em machila (especie de cadeira á Voltaire com argolas lateraes por onde tambem se suspende ás varas que os negros conduzem).

N'alguns pontos empregam o boi-cavallo guiado por duas cordas presas a um pequeno ferro ou pau que atravessa as ventas do animal.

Os Boeres, e nos paizes que lhe ficam ao sul, viajam em grandes carros de bois quando o terreno

¹ Todos estas observações e os estudos que se devem continuar depois de estabelecido, convem que sejam mandadas á Sociedade de Geographia de Lisboa; á imitação do que fazia o benemerito Silva Porto.

Aquelles que assim procederem serão benemeritos da patria e prestarão relevantes serviços, dignos de recompensa, aos que de futuro os seguirem na exploração e civilização do continente negro.

² Especie de graminea que se eleva acima da altura d'um homem, extremamente generalisada em toda a Africa.

lhes permite e já hoje empregam o cavallo, a muar e o burro.

As marchas diarias d'uma expedição oscilam entre 12 e 25 kilometros por dia.

Ao chegar ás terras de cada soba é necessario parar e mandar-lhe pedir licença fazendo logo acompanhar o requerimento por uma garrafa d'aguardente: salvo nos pontos em que o dominio europeu já está perfeitamente consolidado.

Obtida a licença para acampar espera-se a visita do soba a quem se tem de presentear com alguns objectos, cujo valor deve estar em relação com a sua importancia e o que d'elle se pretende conseguir.

E' necessario tomar precauções contra as exigencias d'alguns que chegam a ser extraordinarias.

E' indispensavel nunca mostrar medo e não perder occasião de dar provas de habilidade, força e destreza que produzem sempre grande effeito. O caso está em convencer o preto de que não tem elementos para resistir; por isso é indispensavel que as expedições vão bem municidas e armadas.

Toda a prudencia é pouca para evitar o emprego da violencia ou a animosidade.

E' necessario fazer o pessoal da expedição respeitar os usos das terras e sobre tudo as mulheres de que os pretos são ciosissimos.

Nunca se deve atravessar qualquer povoação senão a pé; o contrario é tido como injuria.

Sempre que o europeu não consegue captar a benevolencia d'um soba, este, ou o ataca ou, se não tem forças bastantes, prohibe que lhe forneçam vive-

res, causando em qualquer dos casos grandes perdas e pondo em risco a vida dos expedicionarios.

Para captar a boa vontade do gentio é conveniente atirar para o meio da multidão que se aglomera em volta do expedicionario uma pouca de missanga solta e distribuir alguns alimentos pelas creanças.

O sustento obtem-se a troco de mercadorias sendo a base das transacções—missanga azul ou encarnada do tamanho de bagos de romã, o panno crú, ou riscado, lenços e aguardente. Os alimentos que se encontram no sertão são :

Gallinhas que custam 2 a 3 bagos de missanga.

Patos, cabritos, carneiros — 700 bagos ou 10 jardas de riscado.

Porcos — 2 a 3000 bagos ou uma peça de fazenda.

Feijão, milho, mandioca, fructos — 2 a 3 kilos por um kete de contas ¹.

Vinho de palmeira — por uma garrafa 8 ou 10 bagos.

um boi—25 a 40 peças de riscado.

Para a compra d'objectos baratos é preferivel a missanga.

Commercio — Em toda a Africa é o commercio que principalmente seduz o preto e abre as portas ao europeu.

¹ Kete é a distancia que vae da ponta do indicador á cana do pollegar.

Todos no sertão teem de ser mais ou menos negociantes; porque faltando a moeda é só a troco de productos europeus que se obteem alimentos, trabalhos do indigena ou concessões dos regulos.

O mesmo succede aos fazendeiros; porque a moeda cunhada, quasi toda estrangeira que n'uma variedade extraordinaria apparece nas nossas colonias, raro passa das principaes terras do litoral; pelo menos do lado occidental.

O grande negocio em Africa faz-se nos pontos de mais facil communicacão com a Europa onde se encontram estabelecidos representantes de casas portuguezas, francezas, hollandezas e inglezas.

Algumas d'estas casas, emquanto puderam obter carregadores por preço modico sustentaram succursaes mais ou menos internadas levando as suas guardas avançadas em Angola até Pungo Andongo, Malange e Bihé; em Moçambique até Tete, Zumbo e foz do Sanhati.

Desviados pela liberdade que os livra do trabalho forçado e pelas obras publicas que triplicaram e quadruplicaram os ordenados que os particulares até então pagavam, os pretos furtam-se hoje ao serviço de carregadores, multiplicam de dia para dia as suas exigencias, recusam-se a seguir em determinadas direcções, incitam os sobas a crear difficuldades, retardam as marchas, desertam, revoltam-se, etc.

Para luctar contra este estado de cousas, iniciou-se no Estado Livre do Congo o systema de navegação fluvial a vapor, conseguindo assim por intermedio dos numerosos affluentes do Zaire introduzir

profundamente no sertão, com grande economia relativa os productos europeus.

D'aqui teem resultado serios embaraços ás nossas feitorias do interior d'Angola que não podem competir; muitas casas teem mandado fechar as filiaes, e os negociantes que operavam por sua conta teem trocado o commercio pela agricultura e pela industria.

O commercio livre do preto tem substituido o dos carregadores por conta dos europeus; o gentio de Ambaca, Bihé, Bailundo etc. forma comitivas que veem ao litoral trocar os productos do interior pelos europeus.

O negociante europeu hoje estabelecido, tem agentes que vão aos caminhos esperar as caravanas e, offerecendo-lhes presentes, as conduzem á casa commercial que os enviou.

Ahi são os pretos alojados em amplos quintaes, já destinados para este fim, alimentados durante todo o tempo das negociações e ainda presenteados com cobertores, polvora, aguardente, etc.

As negociações começam então e proseguem com tanto mais morosidade quanto maior é o valor das transacções.

Para levar ao fim qualquer contracto com o preto é necessaria uma paciencia evangelica; porque é aqui que o indigena busca desenvolver toda a sua habilidade para enganar e não ser enganado pelo branco.

O preto pede 30 e 40 pelo que vem a dar por 1 ou 2; começado o ajuste sahe e entra mil vezes, dis-

cute alternadamente com os companheiros e com o negociante e consome dias inteiros sem resolver.

Á falta de moeda, é só pela equivalencia dos productos avaliados pela quantidade e qualidade do genero que se effectuam as transacções.

Estas equivalencias referem-se a diferentes unidades que variam d'uns para outros pontos e são missanga, bois, polvora, armas, peças de riscado, etc.

Feita assim a avaliação recebe o preto um papel (mucanda) onde se declara em unidades commerciaes o valor da carga entregue e só depois se passa á segunda operação que consiste em trocar estas unidades da mucanda por diferentes artigos.

É n'esta segunda permutação que o branco ganha, chegando a obter pelos productos de que o preto desconhece o valor, preços 50 e 100 vezes superiores aos da Europa.

É necessario, porém, não confiar demasiadamente n'estes lucros; porque não só são onerados de grandes despezas, mas porque a concorrencia augmentando dia a dia as vae constantemente reduzindo.

Quando o negociante se serve de interprete deve-o pessoalmente vigiar; porque é frequente que este o queira enganar.

Ultimadas finalmente todas as negociações segue-se um presente ao lingua (malufa ia quitanda, em Loanda).

Pela sua parte o preto offerece tambem o seu presente de pelles d'animaes, armas indigenas, esteiras e outros objectos da sua pequena industria.

Muitas vezes não se effectua a segunda permutação

tação e o preto leva a sua mucanda, á qual dá tanto credito que esta chega a percorrer muitas mãos sem que ninguem, n'esta parte, duvide da probidade do branco.

Na Africa Oriental as circumstancias mudam; o grande competidor do europeu é o aziatico, batiate, baniane. Estas raças dedicam-se ao commercio, vivem miseravelmente com uma economia sordida, em palhotas immundas onde dormem, cosinham e fazem o deposito de fazendas: o seu vestuario consiste apenas n'uma cabaia larga e chinelas sem meias; a sua alimentação é frugalissima: limita-se quasi a arroz, mandioca e milho.

Estes homens fornecem-se directamente da India Ingleza, contentam-se com pequenos ganhos e reduzem o preço da fazenda, estabelecendo entre si uma concorrência com a qual o branco difficilmente pôde competir em consequencia das suas maiores necessidades.

Quando enriquecido o indio não constitue um elemento de progresso para a provincia; porque se repatria com tudo o que possui, abandonando a terra que tanto tempo sugou sem n'ella deixar o mais pequeno vestigio util da sua passagem.

O individuo que tentar estabelecer-se como negociante tem pois de se prevenir para luctar contra aziaticos astutos e economicos e europeus illustrados, ricos e activos, porisso carece empregar e desenvolver a sua intelligencia, capital e actividade tanto como a sua astucia.

Felizmente o portuguez capta melhor a estima

do preto e offerece maior resistencia ao clima do que os povos do norte, d'aqui vantagens que permitem aos nossos conterraneos obter em Africa rapidas e boas fortunas.

Os pontos internados d'onde se puder obter uma facil e economica ligação com a Europa são os mais vantajosos para o negocio; as casas que n'estas circumstancias se montam desenvolvem-se até constituir verdadeiros principados.

O que é indispensavel é captar a amisade e confiança do gentio tornando-se util e tendo artes para se tornar indispensavel e guia.

Tal é a base da fortuna e da grandeza entre as tribus atrazadas.

Á cautela convém sempre construir a caza em ponto elevado e defensavel, e pôr sebes vivas, valados ou fossos para poder resistir a um ataque, quer do gentio quer das feras.

Artigos de commercio — Os generos que principalmente se importam da Europa para transaccionar são: — assucar, azeite, vinho, bebidas alcoolicas e fermentadas, chá, manteiga, melaço, tabaco — metaes em bruto, espingardas ordinarias, revolveres e espadas, facas, machadas, polvora, chumbo, enchadas, panellas de ferro, arame, lata, candieiros para azeite, fio de ferro, cobre, latão, ferragens de toda a ordem para casas: — emblemas, botões amarrellos, fivelas, espelhos diversos, relogios, caixas de

musica e outras quinquilharias:—missanga de bordar e conta grossa, pederneiras, faianças, vidros e louças:—panno d'algodão crú e entrançado, lenços grandes estampados, linho, sedas e veludos, linhagens estampadas, fato branco e de fóra feito, chapéus e calçado:—galões, bonets bordados, sapatos de trança, pentes, mantas, chapéus de sol, etc. artigos d'escriptorio, conservas alimentares de toda a ordem, barcos de pesca, etc.

Para Lourenço Marques e Loanda a importação está já sendo muito mais variada.

Os generos que em troca se obteem da Africa interior reduzem-se hoje á cera, marfim, borracha e copal, devendo notar-se que já hoje todos tendem a escacear cada vez mais pela maneira barbara porque o preto os tem explorado.

Além d'estes productos ha outros que se produzem em differentes localidades já mais ou menos adiantadas e que pódem vir a ser origem de importantes receitas, taes são:

O algodão que já se cultiva em Benguella e Mossamedes em quantidade bastante para fornecer a provincia podendo desenvolver-se até ao ponto de emancipar Portugal das fabricas inglezas e americanas.

A exploração racional tanto da caçoneira (cautchuc), que já se iniciou em Mossamedes com a denominação de almeidinha, como de outras arvores de borracha.

Mandioca, milho, trigo, inhame, tabaco, café, ananaz, indigo, aguardente de canna, de palma, de cajú

etc., amendoim, fructo e oleo de coco, ursella, a quina, e outras sementes oleoginosas.

Sementes e plantas ornamentaes, fibras vegetaes, cascas taninosas, plantas medicinaes.

Conchas, tartarugas, madeiras, minerio.

Os fructos, a carne e o peixe seccos ou de conserva, o sal, o cebo, as pennas d'abestruz e outras aves, a lã em rama, as pelles, etc. podem ser objectos d'industrias faceis e de commercio lucrativo.

A exportação d'aves e outros animaes vivos, bravios e domesticos, que n'alguns pontos são baratissimos.

As esteiras de mabu, cabazes, cestos, alcofas, chapéus de palha, cordas, tecidos grosseiros, pelles cortidas, são industrias indigenas que se pódem e devem explorar e aperfeiçoar; porque teem baixo preço e ha artigos muito bem executados.

Armas e ornatos gentilicos hoje apreciadas para ornamentação das salas.

Tambem são dignas de se desenvolver as industrias de sabão e cachimbos, as redes de balouço, as rendas e cobertas de Cabo Verde, as obras de tartaruga de S. Thomé e na costa oriental, pesca da esponja e coral em Cabo Verde, a das ostras de perolas em Bazaruto e Cabo Delgado.

Para consumo local promettem futuro as industrias de tecidos d'algodão, manipulação de tabacos, fabricação de filtros em Loanda e Mossamedes, fabricação de telha, tijolo e cal. As mobílias portateis de bambú, a exploração e aproveitamento de magnificas madeiras que hoje attingem na Europa pre-

ços elevados, a fabricação de pólvora e a exploração das variadíssimas minas são outras tantas fontes de riqueza e commercio muito aproveitáveis pelos homens d'iniciativa e intelligencia.

Os commerciantes nas possessões auxiliam-se mutuamente com uma franqueza e boa vontade que se não vê na metropole; emprestam-se, sem lucros diferentes de favores analogos, fazendas dinheiro e machinas na proporção dos haveres de cada um.

Residencia — Todo o portuguez deve preferir tanto quanto possa o sul das colonias e os planaltos; porque ali encontrará os climas mais salubres.

Para as terras já adiantadas como Cabo Verde, S. Thomé, Santo Antonio do Zaire, Loanda, Benguella, Mossamedes, Lourenço Marques, Quilimane e dentro em pouco Beira e Inhambane devem dirigir-se os artistas de toda a ordem, os industriaes e o commerciante.

Para o sertão só se póde dirigir o pesquisador de minas e ainda alguns negociantes; depois de conhecerem o litoral, as condições de transporte e consumo.

Os agricultores deverão procurar a proximidade de boas terras, de caminhos de ferro e de rios navegáveis, afim de poderem valorisar os productos que obtiverem; aliaz terão de reduzir as culturas pela inutilidade dos excedentes das colheitas.

TABELLA DE CARREIRAS MENSEAES DA EMPREZA DE NAVEGAÇÃO NACIONAL

PORTOS	Dias da ida		Dias de volta		PREÇO DE PASSAGENS		Preço de transporte de mercadorias para qualquer porto do itinerario
	Todos os mezes	21	Todos os mezes	20	1.ª Classe 2.ª Classe 3.ª Classe	85\$50 28\$50 Idem	
Lisboa	6	21	5	20	47\$100	85\$50	Farinha por barrica 1\$500.
Madeira	8			17	51\$300	28\$50	Liquido em vasilha, por pipa até 500 litros 7\$000.
S. Vicente	42			42	Idem	Idem	Ferro e outros objectos pesados á escolha da empreza, por 1000 kilos 44\$000.
S. Thiago	14	28	27	10-11	Idem	Idem	Legumes, cal, carvão, louta, ferragens, saccos velhos, phosphoros, telha, etc., por m ³ 10\$000.
Bissao e Bolama ..				2	66\$500	34\$200	Gêneros não especificados e fazendas m ³ 12\$000.
Principe	23			2	85\$500	38\$000	Embarque e descarga pagavel em Lisboa.
S. Thomé	21-26	6-8	17-19	29-1	Idem	Idem	Machinas, caldeiras, grandes volumes, gado—Ajuste especial.
Cabinda	28			27	104\$500	42\$750	Ouro, prata e joias, 1 1/2 % ad valorem.
Banana				15	Idem	Idem	Gobre e bronze 2 1/2 % ad valorem.
St.º Ant.º do Zaire ..	29			26	Idem	Idem	O menor frete será de 1\$000
Ambriz	30			25	Idem	Idem	
Loanda	1-3	12-14	12-14	22-24	Idem	Idem	
Novo Redondo	4	16-18	9-10	21	452\$000	47\$500	
Benguella	5	15	9-10	19-20	Idem	Idem	
Mossamedes	6-8	16-18	6-8	16-18	161\$500	123\$500	

TABELLA DAS CARREIRAS MENSAES DOS VAPORES DA MALA REAL

PORTOS	IDA Dias do mez	VOLTA Dias do mez	PREÇOS			Carga por metro cubico ou 1.000 kilos á escolha da em- preza para Lourenço Marques e Moçambique 13\$500, para qualquer outro porto da esca- la 17\$000. Descarga em Lourenço Mar- ques por m/c 2\$250. Descarga em Moçambique 1\$390. Nos outros portos 10 % so- bre o frete. A empreza faz ajustes par- ticulares.
			1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	
Lisboa.....	21..	5-7	40\$500	27\$000	13\$500	
Marselha.....	25-27	1-4	40\$500	27\$000	13\$500	
Port-Said.....	2-7	23-26	40\$500	27\$000	13\$500	
Suez.....	4-7	21-24	40\$500	27\$000	13\$500	
Aden.....	9-12	16-19	40\$500	27\$000	13\$500	
Zanzibar.....	16-21	7-12	40\$500	27\$000	13\$500	
Moçambique.....	20-24	2-5	40\$500	27\$000	13\$500	
Lourenço Marques..	26-27	30-2	40\$500	27\$000	13\$500	

PREÇO DOS TELEGRAMMAS POR PALAVRA

Entre Lisboa e S. Vicente	516 reis
» » Loanda	1\$884,6
» » Benguella.	2\$183,4
» » Mossamedes.	2\$381,4
» » Lourenço Marques.	2\$131
» » Moçambique	2\$133

CAPITULO II

PROVINCIAS E DISTRICTOS

PROVINCIA DE CABO VERDE

(Revista, correcta e muito augmentada pelos ex.^{mos} srs.dr. Antonio M. da C. Lerenó, dignissimo facultativo do quadro de saude e Augusto T. Figueiredo de Barros dignissimo secretario geral da provincia).

Esta provincia, formada pelo archipelago do mesmo nome, está situada entre 14°,45' — 17°,41' lat. e 16°,39' — 19°,12' long. O. de Lisboa.

Está ligada a Lisboa e á Guiné por carreiras regulares de paquetes que tambem estabelecem comunicação entre as diferentes ilhas.

Eis em milhas ¹ o quadro das distancias entre as diferentes ilhas.

Grupo de barlavento	Grupo de sotavento	Nomes	Superfícias	Distancias ás antecedentes									
		S. ta Luzia .											
		S. to Antão.	973										
		S. Vicente.	436	20									
		S. Nicolau.	386	48	62								
		Sal.....	228	75	120	130							
		Boa Vista..	470	26	78	125	138						
		Brava.....	121	122	143	104	123	143					
		Fogo.....	483	6	115	137	102	112	142				
		Maio.....	168	76	85	55	83	99	141	160			
		S. Thiago..	1208	20	59	66	77	106	103	147	166		

¹ Uma milha tem 1.851 metros.